"Carisma e Liderança no Contexto de Autoridade e Poder"

Zélia Sá Viana Camurça

Max Weber, o sociólogo intérprete do pensamento econômico-político do mundo europeu continental contemporâneo propôs três tipos clássicos de poder legitimado: 1) o poder legal; 2) o poder tradicional; 3) o poder carismático que foram analisados por M. Stoppino no estudo do poder (Stoppino, M. 1983: 4). Aquele poder, que se fundamenta na lei — o poder legal e aquele que se firma na tradição — o poder tradicional, não se constituirão objeto de interesse deste trabalho que se limitará a emitir algumas considerações acerca daquele poder edificado, alicerçado no caráter sacro do chefe, baseado no seu carisma e na dedicação afetiva e pessoal do discípulo — o poder carismático.

Este tipo de poder carismático se apresenta com facetas dignas de análise nos estudos da Sociologia e da Antropologia contemporâneas. Na Antropologia Política, na Economia Política, na Sociologia da Lei o poder carismático vem sendo objeto de estudos etno-históricos, de historiografia econômica e da Sócio-história (e História Social) trazendo revelações que servem à interpretação do comportamento social humano. E na Sociologia Antropológica, na Antropologia Social, como também na Psicologia e na Psiquiatria Cultural são particularmente dignos de atenção os estudos dos movimentos messiânicos nas sociedades revolucionárias, todos eles envolvendo autoridade e poder em variadas formas, mormente no que diz respeito à liderança, à manipulação social, à anomia.

Na análise do poder carismático, é possível a intervenção de variáveis, tais como o conceito sociológico da competência, o conceito ideológico da vocação, o conceito antropológico de "visão de mundo". Assim, a orientação deste traba-

lho se baseará na análise do poder — carisma dentro de três prismas: 1) o prisma da 'competência' e dentro da linha do pensamento estrutural-funcionalista de Talcott Parsons; 2) o prisma da 'vocação' e na conceituação de Max Weber e 3) o prisma da 'revitalização' e segundo A.F.C. Wallace.

Com a montagem do trinômico Carisma x Competência-Vocação x Movimento revitalizante, tratar-se-á de ponderar sobre os seguintes aspectos: I) a função da competência da vocação no poder carismático; II) a influência do carisma nos movimentos revitalizantes em sociedades revolucionárias; III) as implicações da "revitalização" na obtenção do poder carismático.

De início o termo *carisma* exige uma conceituação. O termo, provindo do vocabulário teológico, cristão, portanto, começou a ser usado na Sociologia por Max Weber. Carisma designa "o conjunto das qualidades excepcionais de liderança de uma pessoa que, por esse motivo, desempenha um papel decisivo na eclosão de movimentos de massa" (Aguiar, J. B. 1963: 55). Emilio Willems interpreta carisma como "o conjunto de qualidades excepcionais inerentes a um tipo de líder. Devido à influência extraordinária que dele emana, atribui-se origem sobre-humana ou divina ao líder carismático. O carisma é um fenômeno que se liga à origem de inúmeros movimentos coletivos. Entre os líderes carismáticos figuram profetas, fundadores de religiões, chefes de partidos políticos, revolucionários e oradores." (Willems. E., 1963: 55).

Segundo Max Weber, o termo carisma pode ser aplicado a uma, ou implica numa determinada qualidade de um indivíduo que faz com que ele se situe numa posição à parte, e venha a ser considerado pelos demais indivíduos (ou os homens ditos 'comuns') como aquele ser dotado de poderes excepcionais, com qualidades sobrenaturais e sobre-humanas. Com base na inacessibilidade, exemplaridade e origem divinal, o indivíduo possuidor daqueles dons pode vir a ser tratado como um líder, um profeta, um 'salvador da pátria', um herói de guerra, um ser humano-divino possuidor de poderes mágicos. De posse de qualidades especiais, o indivíduo é então considerado como autoridade carismática por aqueles que o admiram e o seguem como discípulos. Este reconhecimento último é decisivo para a validez da autoridade carismática. (Weber, M. 1968: 48).

Assim, no caso da autoridade legal, a obediência é devida a uma ordem impessoal legalmente estabelecida. Já no caso da autoridade tradicional a obediência é devida à pessoa do chefe que ocupa uma posição de autoridade sancionada tra-

dicionalisticamente. Mas no caso da autoridade carismática, "é o líder carismaticamente qualificado como tal que é obedecido em virtude da confiança nele depositada e na confiança na sua revelação, seu heroísmo, suas qualidades exemplares, enquadradas, tais qualidades, dentro do escopo da crença do indivíduo no seu crisma". (Weber, M. 1968: 47).

É por causa da ênfase em liderança e qualidades dessa liderança que se torna possível pensar na questão da competência em/na liderança. Por exemplo, o líder carismático, em que ele é competente? Por que é ele competente? Como ele adquiriu essa 'competência carismática'? Esse tipo de 'competência carismática', se assim se pode dizer, é de possível obtenção ou é ela 'nata'? Talcott Parsons define competência como a capacidade do indivíduo de se tornar apto a desempenhar as tarefas envolvidas nos seus 'papéis'. Essa capacidade se insere no contexto da socialização e é considerada por Parsons como um componente de socialização — junto ao da 'responsabilidade do papel'. (Parsons, 1970: 130).

O estudo da natureza da competência é de grande valia em política, em governo, em liderança política como, por exemplo, em indagações como estas: Quem é competente para dirigir a Nação? O Ministro X é competente? A Nação tem competência para sair da crise? Aquela 'habilidade' de interagir com o 'mundo real' não depende, por acaso, de vencer obstáculos de ordem social e psicológica, de exercê-la para afrontar os de ordem pública, política? Geralmente é chamada de competente a pessoa que executa bem o que se propõe a executar, que organiza de modo efetivo os recursos humanos, materiais, com o objetivo de empreender, criar ou produzir um serviço (público, no caso) ou produto (político, no caso). O sentir capaz, o produzir, o competir são formas de adquirir competência — seja ela individual ou política.

De qualquer maneira, indivíduos se caracterizam por uma motivação básica para se tornarem competentes, para interagirem eficazmente com o ambiente. Adaptação e sobrevivência dependem de modo ponderável dessa interação. (White, R., 1959: *in* Barnett, R. C. e Baruch, G. K., 1978: 14). Assim, a aquisição de competência e, segundo Connolly e Bruner, é um 'ciclo de vida' que começa com a seleção daquelas características determinantes no ambiente a proverem informação acerca de sucessos e fracassos, e que avança em direção da utilização daquela informação para então gerar novos planos de ação. (Barnett, R. C. e Baruch, G. K., 1978: 14). No Brasil? A Colônia, a experiência social da infância. No Império, na Re-

pública, República velha, República nova com tentativa parlamentarista de permeio, que de informação! A pergunta então seria: Como, desses conhecimentos, gerar e gerenciar novos planos de ação? Essa necessidade básica de diligência, de indústria seria então canalizada em formas particulares específicas de ação através dos ambientes físico e social.

A idéia de saber gerar novos planos da ação para obter competência no que faz, traz no seu bojo a idéia de atitude inovadora, inovação, mudança, de um movimento revitalizante. Convém explicar o que se entende por movimento revitalizante. Segundo A.F.C. Wallace, pode ser definido como o esforço consciente, deliberado e organizado, feito pelos membros de uma sociedade, com o fim de elaborar uma cultura mais satisfatória. (Wallace, A. F. C., 1963: 36). No caso presente, acrescente-se, com uma ação política mais satisfatória.

Numa sociedade revolucionária, ou seja, uma sociedade em processo de se transformar cultural e politicamente sob a liderança de um movimento revitalizante, as preocupações devem se voltar para com a moralidade: para com a idéia de que no comportamento dos indivíduos devam ser levados em consideração não tão-somente a atitude da comunidade mas também a ativação do seu bem-estar.

Daí por que fazer nascer, favorecer o surgimento do carisma, incutir e exercer carisma torna-se às vezes condição 'sine qua non' de sobrevivência nacional. Foi, não convém esquecer, sob a égide do nacionalismo que surgiram movimentos revitalizantes em Cuba, na China, na Nova Índia de Mahatma Gandhi.

É característica de Weber o fato de que ele decompõe a "sentimento nacional" numa série de vários sentimentos e atitudes comunais, e ideologicamente, ele atinge a 'visão do mundo'. Com o seu "desencanto" ele tende a uma interpretação significativa do universo a qual atribui como particularmente sendo da esfera do intelectual, do cientista empírico, do profeta — inter-relação essa que W. E. H. Lecky soube explicar lembrando que surgem de tempos em tempos homens que têm para com a condição moral de sua época mais ou menos as mesmas relações que os homens de gênio têm para com a sua condição intelectual (Weber, M. s/d. 71).

O carisma político implica em reconhecimento, dedicação de seguidores, devoção ao inaudito, glorificação ao extraordinário. Mas importa saber que esta dedicação geralmente nasce de dificuldades diante de crise a serem superadas, daí o entusiasmo — entusiasmo pautado na vocação.

Embora Max Weber atribua a "competência funcional" ao domínio do poder legal, ele também afirma que carisma é "a raiz de uma *vocação* em sua expressão mais elevada". (Weber M. s/d., p. 99). Em liderança carismática, políticos de 'vocação' são de difícil controle. Dada a essa dificuldade eles podem lutar com força e responsabilidade se movidos pelo envolvimento de uma causa digna. Dentro de sua ética, de sua cosmovisão, o *ethos* e o *eidos* se confundem.

Uma das razões mais sérias para o estudo do carisma em Política é que as estruturas institucionais podem... desintegrar-se e as formas rotineiras de vida política podem mostrar-se insuficientes para dominar um estado crescente de tensões, pressão e sofrimento. (Gerth, H. H. e Mills C. W. s/d: 69).

O tema é vasto e palpitante. Urge mesmo nele se alongar: no carisma como poder criador, no carisma como "o dom da graça".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, A. B. Carisma. In: *Dicionário de Sociologia.* Porto Alegre, Globo, 1963, p 55.

BARNETT, R. C. & BARUCH, G. K. *The competent woman.* New York, Halsted Press, John Wiley & Sons, 1978.

EISENSTAD, S. N. ed. *Max Weber on Charisma and Institution building:* Selected papers. Chicago, The University of Chicago Press, 1968.

ELDRIDGE, J. E. E., ed *Max Weber; the interpretation of social reality.* New York, Charles Scribner's Sons, 1971.

GERTH, H. H. & MILLS, C. *Introdução: o homem e sua obra.* In: WEBER, M. *Ensaios de Sociologia.* Rio de Janeiro, Zahar, s/d., p. 13-94.

PARSONS; Talcott. *Social structure and personality.* New York, The Free Press, Collier-Mac Millan, 1970.

STOPPINO, M. Autoridade. *O Povo.* Fortaleza, 15 maio 1983. Suplemento. O que é política? p. 5-6.

————. O poder. *O Povo.* Fortaleza, 15 maio 1983. Suplemento. O que é política? p. 2-4.

WALLACE, A. F. C. As escolas nas Sociedades revolucionárias e conservadoras. In: GRUBER, F., coord. *Antropologia e Educação.* Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1963, p. 23-47.

WILLEMS, E. Carisma. In: *Dicionário de Sociologia.* Porto Alegre, Globo, 1963, p. 55.

WEBER, Max. *Ensaios de Sociologia.* Rio de Janeiro, Zahar, s/d.